

O ENSINO DE HISTÓRIA E A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA ATRAVÉS DAS EXPOSIÇÕES VIRTUAIS

Julia Beatriz Silva Vicente Chaves¹

GT 6 – Educação, Inclusão, Gênero e Diversidade.

RESUMO

A pesquisa apresentada tem como objetivo refletir sobre a relação entre a Escola e o Museu, enquanto meios educacionais possibilitadores de educação inclusiva no século XXI. Para isso, destaca-se a tecnologia digital como meio fundamental, principalmente no cenário pós-pandemia de covid-19, para a manutenção do espaço educacional e propiciador de debates crítico-sociais na interseccionalidade gênero, classe e raça. Segue-se a metodologia de estudo de caso do Museu do Futebol (SP) que, durante a pandemia, promoveu uma série de exposições virtuais, destacando o discurso sobre gênero e futebol através da história e da tecnologia.

Palavras-chave: Museu. Educação inclusiva. Tecnologia. Exposições virtuais. Gênero.

ABSTRACT

The research presented aims to reflect on the relationship between the School and the Museum, as educational means that enable inclusive education in the 21st century. To this end, digital technology stand out as a fundamental means, especially in the post-covid-19 pandemic scenario, for maintaining the educational space and facilitating critical-social debates in the intersctionality of gender, class and race. It follows the case study methodology of the Museu do Futebol (SP) wich, durting the pademic, promoted a series of virtual exhibitions, highlighting the discourse on gender and football through history and technology;

Key-words: Museum. Inclusive education. Technology. Virtual exhibitions. Gender.

¹ Mestranda em História (PROHIS/UFS), Bolsista Capes. Esse texto integra as pesquisas da dissertação de Mestrado em História desenvolvida sob a orientação da Profa. Dra. Janaina Cardoso de Mello (DHI; PROFHIST; PPGED; PROHIS/UFS). E-mail: juliabsvchaves@gmail.com

INTRODUÇÃO

A educação é uma experiência humana, inerente a todas as ações individuais e coletivas, que perpassa a dinâmica de interações dos indivíduos. Assim, entende-se a Escola como um agente estrutural e fundamental no processo de formação do indivíduo e da sociedade, no entanto, não sendo necessariamente o único agente formador nas sociedades. Observa-se a possibilidade do exercício e da figuração dos museus no âmbito social enquanto um espaço para narrativas inclusivas e reflexivas sobre as diversas sociedades, uma ambiência não-formal educativa.

Ao longo das décadas a ideia de Escola foi modificada, ao mesmo tempo que o conceito e a atuação insistem sobre um processo que se desalinha em relação às sociedades contemporâneas. Destarte, parte-se inicialmente de John Dewey, filósofo norte-americano, em sua compreensão de que a Escola é

[...] um meio importante de transmissão para formar a mentalidade dos imaturos; mas não passa de um meio - e, comparada a outros agentes, é um meio relativamente superficial. Somente quando nos capacitamos da necessidade de modos de ensinar mais fundamentais e eficazes é que podemos ficar certos de dar ao ensino escolar seu verdadeiro lugar (DEWEY, 1979, p. 4).

Por sua vez, a ideia de educação democrática apresentada por Dewey (1979) perpassa a Escola Nova apresentando a substituição de um modelo tradicional e elitista por uma concepção crítica-experimental e social-democrática. A obra de Dewey exhibe pontos a serem analisados, como o estabelecimento das relações de poder para a reformulação da ordem posta, isto porque a sua filosofia instrumentalista se propõe à valorização do conhecimento na medida em que este é aplicado na solução de problemas reais do indivíduo no cotidiano. Por isso, deve-se entender que seus fundamentos, conceitualmente, são amplamente possíveis de serem analisados e implementados ainda no século XXI. Porém, existindo uma grande chave no final da segunda década do corrente século, a pandemia de covid-19, capaz de reformular o cenário social e educacional brasileiro e mundial, mesmo tendo ciência das desigualdades de acesso.

A vida humana foi amplamente modificada por diversos eventos políticos, bélicos, econômicos e culturais ao longo da existência. Nessa sequência, o século XXI, em meio aos avanços, passa a ser lido e interpretado a partir de uma nova temporalidade que apresenta: o pré, o durante e o pós da pandemia de covid-19 (ROTENBEG, 2021; ALMEIDA, 2021).

Apesar desta temporalização não ser o foco do debate neste artigo, essa divisão é fundamental para compreender a realidade socioeducativa que se estabelece no cenário mundial, especialmente no contexto brasileiro. Isso ocorre porque a pandemia de covid-19 modificou abruptamente a relação do brasileiro com a tecnologia, tornando-a determinante no processo educacional. É fato que a tecnologia saiu do posto de coadjuvante, de ferramenta meramente auxiliar e, em muitos casos, dispensável, para a posição de protagonista, uma vez que

As tecnologias educacionais viabilizaram o ensino durante a pandemia de covid-19. Soluções em hardware e software asseguraram a continuidade do ano letivo diante da necessidade de medidas restritivas em prol da saúde pública. A situação posicionou a tecnologia como viabilizadora e catalisadora do sistema educacional (ROTENBERG, 2021).

Diante dessa mudança de paradigma em relação à tecnologia - que torna o brasileiro suscetível ao uso das tecnologias - seja a utilização de aplicativos de bancos, de compras *online* e reuniões à distância - a educação é afetada de modos positivos e negativos, oriundos da pandemia e continuaram sob um recorte diferente no pós-pandemia. Porém, o ponto crucial é que, diante da possibilidade da tecnologia de distintas formas, o indivíduo, partícipe do coletivo social, está imerso no uso da tecnologia de forma cada vez mais natural. Isto é, a tecnologia digital já faz parte do cotidiano do brasileiro desde antes da pandemia, entretanto, com resistências aos usos dessas tecnologias, sendo um cenário que se alterou após as imposições submetidas pelo período pandêmico.

Os dados quantitativos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), coletados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD sobre o módulo de Tecnologia da Informação e Comunicação – TIC, informam que 84% dos domicílios brasileiros, em 2019, possuíam acesso à internet. Em 2021, já eram 90%. Nos domicílios rurais ampliou-se o acesso de 57,8%, em 2019, para 74,7%, em 2021. Enquanto nas residências urbanas, aumentou-se o acesso de 88,1%, em 2019, para 92,3% em 2021. Identificou-se ainda que o celular (*smartphone*) é o equipamento mais utilizado no acesso à internet, com 99% de adesão, enquanto a televisão (*smart TV*) seguiu com 44,4%, o computador com 44,2% e o tablet com 9,9% de uso (IBGE, 2021).

Assim, é possível visualizar o potencial da tecnologia formativa ou educacional no cenário social, em espaços focados em promover a aprendizagem formal e não-formal, como

escolas e museus. Entretanto, como dito, o receio de utilização da tecnologia está enraizado na realidade social brasileira, pois, a tecnologia educacional no século XX era analisada sob duas lentes: solução ou ameaça à ação pedagógica (CANDAUI, 1978, p. 61). Porém, essa dualidade, mesmo após processo pandêmico, ainda está presente no sistema educacional do pós-pandemia, apesar de maior aceitabilidade e principalmente sob o impacto da popularização de ferramentas de Inteligência Artificial contemporâneas.

Logo, diante desse cenário nacional, investiga-se o caso do Museu do Futebol, em São Paulo, que realizou a união do Ensino de História e dissolução de preconceitos de gênero no desporto através do uso da tecnologia em seu espaço físico e virtual. Para isso, a investigação objetiva compreender a relação entre Museus e Ensino de História, compreendendo a noção de Escola no tempo presente, perpassando pela análise das possibilidades inerentes ao trabalho com a tecnologia na ampliação de discursos e debates de forma propositiva para a sociedade. Por fim, visa-se estudar o caso do Museu do Futebol pelo viés das narrativas históricas e violências simbólicas nos discursos expositivos, propondo uma reflexão crítica sobre história, gênero e educação a partir de ferramentas digitais.

A PROMOÇÃO DO ENSINO DE HISTÓRIA ENTRE A ESCOLA E O MUSEU

A compreensão conceitual de Ensino de História, perpassa a constituição da narrativa histórica, apresentada por Jorn Rüsen (2016, p. 47), como um processo no qual se produz sentido à experiência do tempo, a partir da consciência, cultura e memoração histórica. Porém, é vital avaliar essa concepção a partir das singularidades históricas, geográficas e identitárias do indivíduo e da coletividade. Entretanto, o que se visualiza nos ambientes de ensino-aprendizagem é um processo de colonialidade e eurocentração dos conteúdos, posicionando o Ensino de História na América Latina como um campo de disputas, em que “as sociedades disputam as memórias possíveis sobre si mesmas e projetam futuros coletivos” (CONCEIÇÃO; DIAS, 2011, p. 174).

As narrativas históricas criadas podem ser constituídas de interpretações variáveis a depender do caráter formador do indivíduo e das particularidades presentes nos sujeitos-objetos analisados. Apesar disso, a concepção de consciência histórica deve estar presente no processo laboral de todas as disciplinas de ensino, posto sua relevância na formação de pessoas e de sociedades ao alinhar conhecimento teórico e vida prática. Devido a isso, urge a Didática

da História (SCHIMIDT; GARCIA, 2005), enquanto método de busca, problematização e renovação de conteúdos sob olhares de variados sujeitos-histórias, promover análises críticas sobre o conhecimento histórico e, conseqüentemente, o autoconhecimento, permitindo a continuidade de uma consciência histórica - inclusive, latino-americana.

O Ensino de História deve ser visualizado como forma, não somente de apresentar fatos históricos isolados, mas de compreender as relações entre tempo-espaço sobre a realidade do tempo presente e as pretensões ao futuro em relação ao passado da localidade que se faz presente. Neste sentido, corrobora-se a Didática do Ensino da História, apresentada por Klaus Bergmann (1976 *apud* RÜSEN, 2016, p. 121), que admite uma teoria que se relaciona em processo com a escola, a ciência, cultura histórica e cultura da memoração. Isto é, a congruência desses pontos permite a reflexão teórica sobre a formação e a obtenção da aprendizagem histórica, por vez, estando também relacionada com a promoção intra e extra ambiente escolar.

Observa-se que os ambientes de ensino-aprendizagem surgem também sobre a necessidade de promover a continuidade da formação da consciência histórica dentro da sociedade. Porém, os espaços escola/museu adotam metodologias e teorias distintas que precisam ser analisadas de forma minuciosa para a compreensão dos efeitos pragmáticos estabelecidos na execução tipológica desses espaços.

Entende-se ainda a escola enquanto passível de ser compreendida em acordo com as estruturas formativas de matriz nacionalista do século XIX (CONCEIÇÃO; DIAS, 2011, p. 174), mantendo-se assim por muito tempo, porém, com a pandemia de covid-19 houve uma ruptura nessa estrutura.

O ambiente escolar, que durante a pandemia, transforma-se em salas virtuais com utilização de recursos didáticos, como *quiz*, jogos e dinâmicas participativas e interativas, se torna um espaço que necessita da tecnologia para sua própria manutenção no pós-pandemia, posto que os educandos que estão ávidos e conectados a velocidade que a tecnologia propõe. A grande questão inerente a esse processo é que a pandemia amplia as desigualdades, justamente, devido à ausência de condições plenas para o uso tecnológico, dando margem a recortes ainda mais específicos (TAVARES, 2022, p. 59).

Isto é oriundo da ausência de recursos mantenedores dos usos da tecnologia, tanto da ausência do letramento digital, quanto da discrepância de condições estruturais para as diferentes comunidades brasileiras. Em continuidade a isso, mormente, as escolas públicas brasileiras apresentam condições mínimas de uso de recursos tecnológicos e de *internet* em suas

estruturas, caso diferente da realidade das escolas particulares, ou seja, amplia-se o cenário das disparidades sociais. Assim, o contexto brasileiro impõe circunstâncias violadoras da manutenção da democracia escolar, passível de criar estruturas que violam a formação de crianças e de adolescentes em todo Brasil (TREZZI, 2021).

Logo, como promover Ensino dentro de um espaço que não está apto para trabalhar com a efemeridade do contato com as informações do século XXI? A educação depara-se com essa questão que, por sua vez, admite uma resposta viável: apropriar dessa efemeridade. Porém, apontar a necessidade de promover uma consciência histórica concomitantemente à efemeridade da informação é paradoxal. Entretanto, o fato é justamente utilizar dos recursos efêmeros para promover continuidades, diante de uma educação interativa e criativa. Com isso, refere-se às possibilidades presentes em mídias digitais, como TikTok e Instagram (*Reels*), que são mecanismos de produções efêmeras - com linhas do tempo sem retorno - passíveis de construir conteúdos ágeis e significativos aplicados ao ambiente escolar e à Didática da História. Nesse sentido, ao invés da proibição do celular, propõe-se seu uso de forma pedagógica nas escolas.

De modo similar à escola, o museu aparece enquanto processo distintivo de necessidade de reinvenção, pois sob a ameaça do fechamento dos ambientes físicos, a manutenção e a vivência dos espaços museológicos, em grande parte, foram transferidas para as mídias digitais. Assim, exposições e ações educativas foram amplamente promovidas com a digitalização em rotação 360° e *Walkthroughs* no Museu da Gente Sergipana (SE) e no Museu do Futebol (SP). Porém, um caráter distintivo desses dois museus é, justamente, a utilização da tecnologia anteriormente à pandemia. Estes museus, de tipologia tecnológica, apresentam-se como propiciadores de experiências culturais digitais para divulgação da história - sergipana e futebolística, respectivamente -, mas também para promoção da consciência histórica de modo lúdico e interativo em suas postagens.

OS MUSEUS, AS EXPOSIÇÕES VIRTUAIS E OS DEBATES CONTEMPORÂNEOS

Diante da pandemia de covid-19, com os fechamentos em massa dos espaços de coletividade e o distanciamento social impostos pelo grau de transmissibilidade do coronavírus, a sociedade mundial precisou se adaptar. Para isso, a principal ferramenta utilizada para tal feito foi a tecnologia, e, com isso, houve o aumento exponencial de estratégias digitais para execução de atividades educacionais, econômicas e culturais. A partir desse momento, a utilização de

mídias e espaços digitais por organizações culturais passou a ser algo recorrente dentro do ambiente formativo, como é o caso das exposições continuadas do Museu do Futebol (exposições virtuais), do Japan House São Paulo (visita virtual 360°) e do eMuseu do Esporte (exposições virtuais interativas).

Ressalta-se que estudos sobre a digitalização de informação, acervos e exposições museológicas já eram realizados desde a adoção de telefones móveis com acesso à *internet*, pois, “com a popularização dos *smartphones* e o uso crescente de aplicativos móveis, o sistema de navegação móvel tem sido amplamente utilizado no museu. A satisfação do usuário está correlacionada ao uso e ao sucesso do sistema de informação” (LI *et al.*, 2013, p. 170).

Mas, se antes da pandemia de covid-19, a existência de museus e exposições virtuais já era uma realidade tangível na sociedade, pode-se afirmar que a popularização da divulgação e do contato com esses espaços adveio das consequências da pandemia. Porém, o grande ponto de debate no presente artigo depara-se com um fator: a utilização dos espaços virtuais para a ampliação e a democratização de narrativas históricas inclusivas como vetor educacional. Entende-se que o museu, enquanto organização institucional, está imerso nas transformações sociais sobrepostas a si, com isso, as tecnologias digitais capazes de influenciar a cultura e a sociedade, também influenciam a concepção dos museus (KENDERLINE, 2012, p. 25). Em vista disso, considera-se dois pontos: 1. os museus, em meio a tecnologia, são norteados por possíveis mudanças tipológicas e 2. os museus em sua digitalização são passíveis de reproduzir estigmas sociais (homofobia, sexismo e racismo) com maior alcance.

A discussão sobre museus transcende tempo, espaço e identidades, pois, a tipologia dos museus responde sobre infraestrutura e objetivos. Logo, em 2022, aprovou-se na Conferência geral da ICOM em Praga uma nova definição de “museu” como sendo

uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus promovem a diversidade e a sustentabilidade. Atuam e se comunicam de forma ética, profissional e com a participação das comunidades, oferecendo experiências variadas de educação, entretenimento, reflexão e compartilhamento de conhecimento (ICOM, 2022).

Porém, a sociedade transforma-se independente de se os museus acompanham ou não essas mudanças, principalmente aquelas organizações estruturadas na fixação em fatos e em acontecimentos, mas que muitas vezes despersonalizam sujeitos histórico-sociais dos períodos em representação. Na perspectiva da proposição de uma musealização decolonial, Françoise Vergès (2023, p. 94) aponta que a função do museu é “acolher debates em que os

públicos sejam ‘coautores de novas narrativas’ e ‘defensores da justiça internacional’”. Entretanto, a autora destaca a afirmação de Glen Coulthard (2014, p. 12) para quem “o museu não é indiferente às ‘configurações do poder de Estado racista e patriarcal’”. Assim, o que é, afinal, o museu? Um espaço de promoção de debates inclusivos e democráticos? De evocação de diferenças histórico-sociais? Um ambiente de reprodução de estigmas a depender do *status quo* em vigor na sociedade? O museu talvez incorpore todas essas referências, sejam positivas, sejam negativas, mantendo-se ou alterando sua feição ao longo do tempo de acordo com as mudanças de paradigmas, as pressões dos grupos minoritários e os interesses dominantes na sociedade.

De acordo com Coulthard (2014), o museu é reproduzidor da sociedade na qual ele está imerso, dotado de preconceitos que constroem suas narrativas-históricas, diante do ideal eurocêntrico, colonizador, machista, homofóbico, sexista e racista. As alternativas para subverter essa ordem direcionam-se para realidades que se defrontam sobre instituições e paradigmas complexos. Dentro desse intermédio surge a possibilidade e a importância das exposições virtuais. Por exposições virtuais, entende-se, que são

por si só, transformações digitais que envolvem, obrigatoriamente, equipas de trabalho capazes de proceder a *uma ponderação do uso tecnológico*, de modo a que a concessão das mesmas seja bem-sucedida no que diz respeito à visualização e percepção humana, através dos públicos (DA SILVA, 2022, p. 17, *grifo nosso*).

As exposições virtuais, na pandemia, foram alternativas promovidas por museus e galerias para superar os fechamentos em massa da pandemia e manter sua funcionalidade. O National Museum of Women in Arts (NMWA), em Washington D.C, ao defender a presença das mulheres na arte, produziu em seu *site* exposições virtuais, utilizando texto e imagem para criar experiência e imersão para seus usuários (NMWA, 2012). Já o Itaú Cultural, São Paulo, ao trazer a arte contemporânea de protesto, da contracultura, da pós-modernidade, promove uma imersão em exposições virtuais, com perspectivas diferentes da vista no NMWA, pois utiliza vídeos, *quiz*, música e visitas 360° desde 2016 (Itaú Cultural, 2022). O ponto que se destaca aqui é: existem inúmeras formas e possibilidades para promover exposições virtuais, dependendo de temáticas e dos objetivos de cada exposição.

No entanto, a utilização consciente de exposições virtuais pode ampliar o debate e a naturalização de temáticas específicas dentro do ambiente museológico. Para Tojal (2007, p. 58), é possível apontar que “a criação dos museus seguiu os *modelos ideológicos* baseados nas concepções de tradição e memória como um corpo consolidado de crenças, normas e valores

definidos no passado e usadas pelo Estado, como suporte necessário para sua afirmação”. De certo, Tojal afirma isto relacionado a sociedade brasileira, mas é possível de ser sobreposta para diversas nacionalidades, ao ponto que expressa como o *modus operandi* do passado do colonizado e do colonizador incide sobre o espaço museal e sobre as características em comum de sua história. Processos convergentes na América Latina e África.

É necessário desenvolver discussões nos espaços museais para reverter os debates engessados inerentes a eles, para Vergès é fundamental uma representação decolonial, a fim de

atuar para tornar manifesta a violência intrínseca do capitalismo racial com tudo o que ela comporta: aviltamento, esgotamento do corpo e da mente, morte social e prematura, tecnototalitarismo, mundo irrespirável e inabitável - sem catastrofismo. Ao contrário, devemos continuar a aprofundar o que significa viver entre ruínas, compreender como funciona o regime neoliberal da propriedade e como, inevitavelmente, ele recorre à violência (VERGÈS, 2023, p. 247)

Ou seja, é preciso reestruturar os discursos e as realidades apresentadas nas narrativas presentes nos museus em suas expologias e expografias (MELLO, 2023, p. 92-93), pois, sejam suas tipologias de arte ou história, esses espaços reproduzem padrões normativos da sociedade que, se não identificados e contrapostos, conduzem o âmbito social para uma realidade ainda mais problemática de reforço de exclusões. Devido a isso, é importante observar atentamente as potencialidades presentes na utilização das exposições virtuais - entendendo que são extensões digitais do espaço físico - para promover debates de inclusão e de discussão ampliada sobre gênero, raça e classe.

O MUSEU DO FUTEBOL E O DEBATE SOBRE GÊNERO

O Museu do Futebol, em São Paulo, foi inaugurado em 2008, voltado para percorrer a história do futebol no Brasil, com uma proposta imersiva e interativa (AZEVEDO; ALFONSI, 2010, p. 278) e, atualmente, em 2024, o museu passa por uma obra de renovação. Sem dúvidas, o Museu do Futebol acomete em si uma das maiores paixões do brasileiro: o futebol. Por sua vez, a relação entre o brasileiro e o futebol é responsável por criar uma série de discussões sociais em diversos campos do conhecimento. Nesse sentido, para entender a relação entre o Museu do Futebol e as possibilidades de debates que podem ser empreendidos, precisamos entender que a identidade do brasileiro perpassa, então, pelo futebol. Para Stuart Hall (2022), a identidade é deslocável e construída a depender de contextos específicos. Nesse sentido, para o autor

O sujeito assume identidade diferentes em diferentes, identidade que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2022, p. 12)

Entende-se que a identidade é mutável, capaz de se adequar ao espaço-tempo, logo, podemos interpretar a relação do brasileiro com o futebol em diferentes contextos. Isto é, o futebol é uma paixão nacional que transforma a identidade brasileira (HELAL; SOARES, 2003), no entanto, essa mesma *paixão nacional* é capaz de cercear e de expulsar identidades do futebol (seja jogado, seja falado, seja por seu gênero/ orientação sexual).

Por sua vez, o Museu - estando sob essa constituição - também é capaz de reproduzir esse mesmo fato. Exemplo disso, pode-se visualizar nos estudos desenvolvidos por Fábio Teixeira e Iraquitana Caminha (2013, p. 278), que realizaram um levantamento de trabalhos sobre o preconceito no futebol feminino, concluindo que o processo de segregação política e social, de controle biológico e estigmas sociais - como “sexo frágil” - foram também depositados sobre o futebol. Observaram que essa realidade

contribuiu para reproduzir na atualidade novas formas de preconceitos relacionadas à erotização, espetacularização e agenciamento da beleza feminina no esporte, e à crença de que a natureza feminina é qualitativamente inferior (TEIXEIRA; CAMINHA, 2013, p. 278).

Ou seja, o âmbito social reproduz os preconceitos - de gênero, raça e classe - em seus corpos institucionais, não sendo diferente com os museus, pois “o museu, assim como outras instituições, está sujeito às consequências das guerras, das ocupações, da crise climática, da financeirização da arte, das políticas de austeridade e das pandemias” (VERGÈS, 2023, p. 90-91).

Existem paradigmas que devem ser rompidos dentro dos museus, do futebol e do Museu do Futebol, porém, entende-se que a problematização de relações profundas no corpo social não será executada imediatamente, mas precisa ser iniciada. Neste sentido, o Museu do Futebol, durante a pandemia de covid-19 iniciou a produção e a divulgação de exposições virtuais, que contam atualmente com 22 exposições alocadas no Google Arts & Culture². Das quais, 07 exposições são voltadas para história da seleção masculina e de seus jogadores, 09 fazem referência à história do futebol feminino e diversidade e, por fim, 06 exposições possuem

² Referindo ao *site* mantido pelo Google em parceria com museus de diversos países. Utiliza a tecnologia de digitalização 360° do *Street View*, oferecendo visitas virtuais gratuitas em inúmeros espaços museais.

temas diversos sobre futebol (estádios, brincadeiras, estilo).

Como dito anteriormente, o espaço virtual é propício à ampliação de debates sobre temas diversos que, possivelmente, encontram dificuldades de aceitação em ambiente físico, apesar de não ser motivo para esquivar-se de implementação dessas temáticas em ambientes, como museus e escolas. Entretanto, é uma forma de promover uma inclusão cautelosa e pertinente. Porém, é extremamente necessário compreender que: os espaços virtuais são estratégias iniciais - para incluir temáticas sensíveis - ou para promover o alcance de grupos que estão distantes da possibilidade de contato em ambiente físico.

Ao mesmo tempo que as exposições são meios de inclusão, elas ainda são capazes de reproduzir os estigmas referidos anteriormente. Para demonstrar isso, optou-se pela discussão das questões relativas ao gênero. Uma das exposições criadas é “Primeiro Mundial de Mulheres na China”, ativa desde dezembro de 2023, que apresenta as dificuldades relativas ao exercício do futebol de mulheres em 1988 - ano do mundial em questão -, perpassando pelas condições dos uniformes (que eram do time masculino), a ausência de caneleira, de remédios e de situações plenas para o exercício do futebol (Museu do Futebol, 2023). Nessa exposição, percebe-se uma discussão sobre as dificuldades da execução do futebol de mulheres, porém, através das fotografias, percebe-se um debate silenciado na forma como essas mulheres eram apresentadas. As jogadoras - brasileiras ou não - eram masculinizadas, seja pela negligência dos uniformes, seja para execução da atividade do futebol.

Essa masculinização percorre diversas esferas e, por sua vez, pode ser analisada na série de exposições feitas em homenagem à jogadora Marileia dos Santos - também conhecida como Leia ou “A Michael Jackson”. Este apelido, que surgiu em comparação com o cantor, tomou enormes proporções, sendo reproduzido em matérias de jornais e comentários em jogo (Museu do Futebol, 2019). Após a apresentação da motivação do nome - Michael Jackson -, a narração da exposição torna a chamar Marileia por Michael. Diante disso, trabalha-se sobre a despersonalização do sujeito apresentado, admitido em nome compreendido como “masculino”, reforçando a masculinização dos corpos e das identidades no futebol.

Outra exposição importante de ser mencionada é a “Diversidade em Campo: Futebol LGBTQIAP+”, disponível desde junho de 2022, destaca a presença de pessoas LGBTQIAP+ no futebol, apresentando a história do futebol feito e jogado por homossexuais e transsexuais (Museu do Futebol 2022). Essa exposição realça as dificuldades dentro da dissidência de gênero e de sexualidades para praticar esportes e, também, o futebol, ao mesmo

tempo que apresenta a superação através das ligas LGBTQIAP+ no Brasil. Todavia, essa questão de gênero/sexualidade só é expressa em exposições específicas do tema, não valorizando a identidade de gênero das futebolistas femininas quando são retratadas em outras exposições.

Há uma importância em ressaltar estas exposições virtuais, uma vez que a existência delas supre uma lacuna e uma dívida histórica. Como já mencionado, o diálogo sobre o futebol é polissêmico, pois, ora se fala sobre evocação de identidades e de paixões nacionais, ora se fala sobre a limitação de corpos dissidentes (sexualizados) de viverem o esporte - intra e extracampo. Confia-se no museu e na escola para educar, ensinar abrindo os horizontes da reflexão crítica, porém, vive-se em um país onde o conservadorismo político-religioso impregna os ambientes de ensino-aprendizagem, logo, precisa-se subverter essa realidade. O trabalho a partir das exposições virtuais confere a possibilidade de rememorar os processos sociais estabelecidos, relacionados a classe, a raça e ao gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se considerar a relação Escola-Museu como espaços para promoção de Ensino de História de modo potencializador, devido às inúmeras formas de incluir as narrativas consistentes no processo de ensino-aprendizagem. Porém, é preciso entender as inovações das sociedades e que, notoriamente, atingem crianças e adolescentes em plena formação, assim como adultos. Salienta-se que a compreensão sobre a inclusão de um debate sobre gênero - incluindo questões de normatividade de gênero e de sexualidades, pois estas não são dissociadas dentro do espaço do futebol - pode promover discursos inclusivos e propiciadores de interpretações positivas sobre o futebol.

O Museu do Futebol é um ambiente que pode construir uma série de diálogos possíveis, que já foram iniciados nos espaços virtuais, porém que devem ser ampliados para o espaço físico, porque não podem ser dissociadas questões como classe, gênero e raça do futebol. As interpretações e as violências que ocorrem intra e extracampo percorrem essas três categorias e devem ser incluídas nos espaços que narram historicamente o futebol brasileiro. As identidades são múltiplas e dependem do acolhimento de instituições para serem, também, aceitas e respeitadas. Assim, a escola e o museu são espaços que podem promover, através do Ensino de História aliado às tecnologias digitais, a consciência histórica das dissidências da

sociedade, a fim de constituir novos diálogos e novas representatividades dentro e fora do futebol.

Portanto, o Museu e a Escola precisam estar alinhados dialogicamente, a fim da ampliação dos debates sobre raça, classe e, principalmente, o gênero. Visualiza-se possibilidades reais existentes que precisam ser encaminhadas para plena divulgação, pois a formação da consciência histórica depende, também, de um reconhecimento a par da formação sobre a memória, a história e a identidade dos grupos - dissidentes ou não. Assim, o futebol transforma-se em um espaço de inclusão daqueles que foram e são marginalizados socialmente, trabalhando então com identidades formativas e modificadoras da realidade social brasileira.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carlos. Educação pós-pandemia: como a tecnologia transformou o setor e quais as oportunidades. **Blog da AMES**, 22 jan. 2021. Disponível em: <https://abmes.org.br/blog/detalhe/18144/educacao-pos-pandemia-como-a-tecnologia-transformou-o-setor-e-quais-as-oportunidades>. Acesso em: 08 abr. 2024.

AZEVEDO, Clara; ALFONSI, Daniela. A patrimonialização do futebol: notas sobre o Museu do Futebol. **Revista de História**, n. 163, p. 275-292, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=285022061013>. Acesso em: 9 abr. 2024.

CANDAU, Vera Maria. Tecnologia educacional: concepções e desafios. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, n. 28, p. 61-66, mar. 1979. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15741979000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 abr. 2024.

CARDOSO, Oliveira. Para uma definição de Didática da História. **Revista Brasileira de História**, v. 28, n. 55, p. 153-170, jan, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/yWNB7rzGTsCbG5NhMDJ9VxN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 abr. 2024.

CONCEIÇÃO, Juliana Pirola da; DIAS, Maria de Fátima Sabino. Ensino de História e consciência histórica latino-americana. **Revista Brasileira de História**, v. 31, p. 173-191, 2011.

COULTHARD, Sean. **Red Skin, White Masks: Rejecting the Colonial Politics of Recognition**. Minneapolis: Univ Of Minnesota Press, 2014.

DA SILVA, Beatriz. **Novos métodos de comunicação e visualização em contexto museológico** - o caso do Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT). Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2022.

DEWEY, John. **Experiência e Educação**. 3 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

EMUSEU do Esporte. **Exposição da Associação Chapecoense de Futebol**. 2024. Disponível em: <https://www.emuseudoesporte.com.br/br/home>. Acesso em: 11 de abril de 2024.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-pandemia**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge. O declínio da pátria de chuteiras: futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002. **Encontro Anual da Compos**, v. 12, p. 1-15, 2003.

IBGE. Informações atualizadas sobre Tecnologias da Informação e Comunicação. **IBGE Educa**, 2021. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21581-informacoes-atualizadas-sobre-tecnologias-da-informacao-e-comunicacao.html>. Acesso em: 8 abr. 2024.

ITAÚ Cultura. **Está acontecendo no IC**, 2022. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/mostras-e-exposicoes/exposicoes-virtuais>. Acesso em: 09 abr. 2024.

KENDERDINE, Sarah. Embodied museography. **About the Culture Academy Singapore**, v. 23, p. 37-41, 2012.

LI, Eldon Y.; CHEN, Chen Yu; CHANG, Laurence Feng Kang. A Mobile Museum Navigation System Designed for visitors' usability. *In: 13th International Conference on Electronic Business (ICEB) Proceedings 2013*. Singapore: AIS Electronic Library (AISeL), 2013.

MELLO, Janaina Cardoso de. Museografia do trabalho e ensino em um barco museu: a Fragata Presidente Sarmiento (Buenos Aires, Argentina). **História e Cultura**, v. 12, n. 1, 2023, p. 83-113. Disponível em: <https://periodicos.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/3812>. Acesso em: 10 abr. 2024.

MUSEU do Futebol. **A Michael Jackson: os primeiros chutes**. 2019. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/3QWxUZaFZcJ8IQ?hl=pt-br>. Acesso em: 10 abr. 2024.

MUSEU do Futebol. **Diversidade em campo: Futebol LGBTQIAP+**. 2022. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/tgVBvQE23FLSYA?hl=pt-BR>. Acesso em: 10 abr. 2024

MUSEU do Futebol. **Primeiro mundial de mulheres na China: memórias da jornalista Claudia Silva, única brasileira na cobertura do torneio**. 2023. Disponível em: https://artsandculture.google.com/story/VAXhD4nQD1g_MA. Acesso em: 10 abr. 2024.

NATIONAL Museum of Women In The Arts. **Mamacita Linda: cartas entre Frida Kahlo e a mãe**. 2012. Disponível em: <https://nmwa.org/whats-on/exhibitions/online/mamacita-linda-letters-between-frida-kahlo-and-her-mother/>. Acesso em: 9 abr. 2024.

ROTENBERG, Hélio. A tecnologia e a viabilidade da educação na pandemia de covid-19 *In: Educacional – Ecossistema de Tecnologia e Inovação*, 29 nov. 2021. Disponível em: <https://educacional.com.br/artigos/a-tecnologia-e-a-viabilidade-da-educacao-na-pandemia-de-covid-19-a/>. Acesso em: 10 abr. 2024.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; GARCIA, Tânia Maria F. Braga. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história. *Cadernos Cedes*, v. 25, p. 297-308, 2005.

TAVARES, Inês. A educação em tempos de covid-19: onde fica a desigualdade entre o novo e o antigo normal?. *In: DO CARMO, Renato Miguel; TAVARES, Inês (org.). Que futuro para igualdade? Pensar a sociedade e o pós-pandemia*. Lisboa: Observatório das Desigualdades, 2022. cap. 5, p. 59-80.

TEIXEIRA, Fábio; DE OLIVEIRA, Iraquitan. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática." *Movimento*, vol. 19, no. 1, 2013, pp.265-287. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115325713014>. Acesso em: 10 abr. 2024.

TOJAL, Amanda. **Políticas públicas culturais de inclusão de públicos especiais em Museus**. Orientador: Doutora Maria Helena Pires Martins. 2007. 322 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-19032008-183924/publico/AmandaTojal.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2024.

TREZZI, Clóvis. A educação pós-pandemia: uma análise a partir da desigualdade educacional. *Dialogia*, [S. l.], n. 37, 2021. DOI: 10.5585/dialogia.n37.18268. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/18268>. Acesso em: 9 abr. 2024.

VERGÈS, Françoise. **Descolonizar museus: programa de desordem absoluta**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.